

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA



ANO III

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 15

São Paulo, Julho-Agosto de 1957

Caixa Postal, 8503

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

A Farândula dos Marginais

1. Regimen falido desde o começo, novembro de 1889, instrumento perrenque e incapaz de proporcionar o bem comum, a paz, a prosperidade, a felicidade, a grandeza tanto espiritual e moral como material à Nação Brasileira, teima a república em inventar continuas e sucessivas experiências cada vez mais desastradas (e só nisso consiste a sua infanda "continuidade"), evitando cautelosamente tudo quanto seja fundamental (os eternos acenos às reformas "de base"), consciante, na sua inconsciência, de que qualquer coisa que de sério e profundo e essencial produza há-de ter como resultado último a sua própria destruição, pois é de todo em todo alheia à realidade nacional.

2. Nem constitui novidade essa atitude pífida, porém lógica na malícia do regimen estrangeiro e indesejável que nos prejudica e desgraça há 68 anos. Pois o ilustre jurista anglo-saxão, Rui Barbosa, lembrando-lhe alguém que o conveniente ao Brasil seria a república unitária, obtemperou que, se se fizesse unitário o tal arremêdo republicano, voltaria o Império, para ele pior do que a fragmentação do Brasil. Tinha mêdo indubitavelmente do castigo que o atingiria pelas velhacadas cometidas antes e depois da proclamação da tal. Foi ele o maior dos marginais. Lançámos no lixo das coisas não apenas inúteis, senão também perniciosas, a "sua" carta de 1891; continua, todavia, o marginalismo de que foi êle "rei" nesta pobre Pátria avacalhada (tôrmo que não se dedinou de usar).

3. Reclama o Brasil a volta do SEU REGIMEN, a instauração da Monarquia Nova, Orgânica, fundamentada na experiência, na sabedoria do Passado, nos conhecimentos sociológico-políticos e geo-econômico-políticos MODERNOS, como os esposa e proclama PÁTRIA-NOVA. Reclama a volta da Soberania Tradicional, isto é — a Soberania Suprema Política, Orientadora, do Imperador, junto à Soberania Social da Nação Brasileira por meio da representação da própria vida real (Religião, Família, Milícia, Indústria, Comércio, Lavoura, Transporte, Universidade, Jornalismo, Radialismo, Técnica, Profissões, etc.). E que nos apresenta, nos propõe e nos... imporá finalmente, como sempre tem acontecido, essa tirania de mil cabeças, chamada república democrática "míria-partidária"? — Uma ferramenta desengonçada e estúpida chamada... lei eleitoral, que neste regime é fim e não meio.

4. Prosseguirá nas suas sinistras devastações o desmoralizante eleitoralismo nutridor da máquina emperrada da república, impedindo tudo quanto seja operante, burlando tôdas as aspirações de reformas sérias, tudo quanto nos indica e aconselha a experiência ajudada de tôdas as ciências sociais, tôdas as meditações dos estudiosos dos problemas brasileiros, tôdas as pesquisas de laboratório ou de campo, tudo quanto afinal tem produzido a inteligência nacional alerta que, amargurada por esta situação vergonhosa, por esta calamidade política, social e econômica, sonha entretanto no silêncio com a redenção da Pátria, o resgate de tantos erros, de tanta patifaria, de tanto crime, de tantas misérias, de tanta desorganização, de tanta vilania.

5. Continua a farândula dos marginais. O "rei" dêles ainda possuía grandezas sob outras luzes, fora da política, da administração, nas quais se revelou um catastrófico malôgro, um fracasso total. Os de hoje, porém, fruem da glória vã de desprezíveis e nefastos vermes.

6. Continua a farândula dos marginais. O "rei" dêles ainda possuía grandezas sob outras luzes, fora da política, da administração, nas quais se revelou um catastrófico malôgro, um fracasso total.

Os de hoje, porém, fruem da glória vã de desprezíveis e nefastos vermes.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

QUANTOS SOMOS! RESULTADO DE UM INQUÉRITO SOCIOLOGICO

1. Somos muitos? Somos poucos? R. Magalhães Jr. disse, certa vez, que dramas "meia dúzia"... Costumamos responder aos que, constantemente, nos perguntam qual o número de Monarquistas existentes no Brasil, que somos mais, mas muito mais, do que aqueles republicanos que, em 89, destruíram a Monarquia liberal de Pedro II.

Para os que não acreditam, aqui vão alguns números:

2. Decorridos já muitos meses de inquérito nacional sigiloso, para coleta de dados referentes ao pensamento político da nação, levado a efeito pela AÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA, através do monumental trabalho do nosso correligionário Tenente Jerônimo Ricardo de Mattos, propozi-me hoje a fazer um rápido esboço do mesmo, já que foi publicado na íntegra, com comentários do autor, no número 9 do nosso jornal, número este condenado pela nossa direção suprema, em virtude de erros grosseiros de tipografia, verificados nos seus dados estatísticos.

3. Êste inquérito atingiu pessoas das mais variadas classes sociais, nêles incluídos republicanos históricos e humildes cidadãos de tendências e sentimentos políticos os mais variados possíveis, foi feito enviando-se pelo correio uma carta explicativa e um formulário onde estava impressa uma série de perguntas que deveriam ser respondidas sim ou não, spondo-se uma vez em quadros especiais colocados ao lado de ditas perguntas. Recebemos 14.996 respostas. Delas tivemos a coragem de expurgar — no sômputo da inquérito — tôdas aquelas que partiram de correligionários da nossa causa. Chegaram

nos às mãos algumas respostas curiosas; outras com comentários à margem; outras, ainda, com cartas anexas, etc. O seu resultado FIEL, foi o seguinte:

4. À primeira pergunta: JÁ PENSOU NO PROBLEMA DAS FORMAS DE GOVERNO?, responderam 93,47% pelo sim; 6,53, foram de respostas em branco.

À segunda pergunta: COSTUMA DISCUTIR ASSUNTOS POLITICOS?, responderam 45,21% pelo sim; 21,75%, pelo não; 8,69% em branco e, 4,35% duvidosas ou incongruentes.

À terceira pergunta: DESEJA PARA SUA PÁTRIA UM REGIME POLITICO ESTÁVEL E APARTIDÁRIO?, 80,43%, responderam pelo sim; 4,35%, pelo não; 10,87%, em branco e, 4,35%, duvidosa ou incongruente.

À quarta pergunta: ACHA QUE O SUFRÁGIO UNIVERSAL SELECIONA REALMENTE O MELHOR DOS MELHORES ESTADISTAS?, responderam afirmativamente 6,53%; 78,26%, responderam pelo não; 8,69%, nada responderam e, 6,52%, corresponderam a respostas duvidosas ou incongruentes.

À quinta pergunta: CRÊ NA POSSIBILIDADE DE UM PERFEITO GOVERNO E ADMINISTRAÇÃO NUM CLIMA DE ÓDIO E DESPREITO PARTIDÁRIO E OBSTRUÇÃO CRIADO PELA MAIORIA DERROTADA NAS URNAST?, responderam pelo sim 2,17%; pelo não, 84,78%; em branco, 10,88%; duvidosa, ou incongruente, 2,17%.

À sexta pergunta: SUPÕE QUE A DEMOCRACIA LIBERAL, PARTIDÁRIA, OFERECER GARANTIAS AO BEM COMUM E IMPÕE REAIS RESPONSABILIDADES GOVERNAMENTAIS PERANTE A NAÇÃO?, 17,39%, responderam sim; 67,39%, responderam não; 10,88%, nada responderam; 2,17%, em dúvida pelo sim e 2,17%, em dúvida pelo não.

"SATANÁS"

Os patrianovistas da nova geração não conhecem o poema "profético" do Chefe Geral escrito em 1924 e publicado em 1932. Dêle extraímos alguns versos que saem dispersos no presente número de "Monarquia".

É OU NÃO DO REGIMEN O MAL?

Desabafou-se o sr. governador do Estado num despacho:

— "Não fui eleito para ser vencido pela burocracia".

Eis aí um drama que se desdobra inexoravelmente durante todo o transcurso de todo governo: — o do melancólico destino dos nossos horrens públicos, bloqueados por um regimen de inerte papelório, jungido ao trabalho de um lerdo, desengonçado, dispersivo aparelhamento administrativo, que exige dos chefes o máximo de energias para o mínimo de proveito.

E quantos governantes não acabam vencidos! Não se acomodam, afinal, ao ingrêdo e afanoso papel de burocratas eminentes, consumindo anos inteiros de vida pessoal — o que é pior — da própria vida nacional, na dourada prisão de um gabinete, tão movimentado na aparência, quanto inerte na substância dos trabalhos.

E a "inacção atarefadiçima" de "ministros que estrôlamente se sucedem", a que alludiu o grande paulista J. M. Whitaker em famosa carta ao deputado Afimar Balesiro.

A culpa não recaí, propriamente, sobre o funcionalismo.

Este é também vítima, até certo ponto.

O MAL ESTÁ NO SISTEMA DE ADMINISTRAÇÃO (Grifo nosso). Nossas leis, regulamentos, normas, portarias, comunicações, "memorandos", praxés, precedentes e o diabo é que estabelecem um tal clima de centralizações, formalidades, cautelas pueris e bobos de todo naipe que, por fim, o funcionário se vê coitado e tolhido num engranado de rotinas, que o despersonalizam quase por completo.

Dai a ocorrência de coisas como aquela do coitado de um sujeito que fez a certa repartição receber uns cobres magros, ôbviamente esperados, para dali já ir directo a gastá-los em necessidades prementes. — e tropeçou num empacicho incrível que lhe adveio do outro lado do guichê. Uma pedra no caminho que era um paralelepípedo a lhe esmagar os calos do bôlso...

— O sr. trouxe atestado de vida?

— Como?! Que é que a senhora disse? Atestado de vida?!

E o paralelepípedo lá veio de novo nos calos do homem.

— Sim senhor... E' preciso atestado de vida! O regulamento exige.

(Juiz Odilon Costa Manso, Correio Paulistano, 12.2.1937).

— "O mal está no sistema de administração", administração supõe uma política, política supõe um regimen. O nosso é a maravilha do século XX: republicano-democrático-liberal-individualista e, por contrapêso consequente, "socialista"... contra nós, contra a justiça, contra a honestidade, contra a nossa paz, contra o nosso... dinheiro!

TRECHOS DO POEMA "SATANÁS"

Vamos pregar amor na palavra e os exemplos,
em cada peão sobre um Cristo replantar.

x x x

Vamos acender guerra onde a paz é sobarda,
vamos pregar e jurto onde há só falsidade,
e, levando lida além a reação com alarde,
em cada aldeia humilde implantar um jornal!

x x x

Farmemos as legiões dos grão-batalhedores;
e das rochas do incréu veremos bratar flôres;
sacerdotes vernis todos arjês... cristãs
as taboas do humilde e as greijas tortas.

x x x

"REVOLUÇÕES ESTÊREIS"

Para que se observe que a história do clero popular — Contra o govêrno — é apenas uma visão torcida do — contra o regime (republicano) — Clamor éste crônico e sempre igual, transcrevamos um trecho do livro editado em 1923 pela Livreria Martins, de Autoria do Capitão Pedro Rocha (embora destes fundamentalmente da doutrina patrianovista).

— Entre uma monarquia parlamentar, que assegurava todos os direitos ao Parlamento, governante da fato do país e uma República Federativa, de assembleias e de ministros irresponsáveis, rastejantes e submissos ao Poder Executivo, que preferir? Ter conservada uma testa corada ou supérta, como fazemos há trinta anos, tirantes incapazes, eleitos por obra e graça da fraude, do suborno e da pressão? Eleito... eleito... sufrágio universal... voto secreto... vontade popular! Mentiras convencionais sobrepostas no Brasil. Por que não admitir a mística do direito divino para o reinado hereditário de uma família? Reinando, mas não governando, como acontece na Inglaterra? Fiz parte, quando moço, da falange de visionários, que não podia conceber na América um regime monárquico. Ignorando o meio onde vivíamos, só olhávamos para fora. Hoje, estamos aqui reunidos, para anular ou corrigir todos os males causados pela atual forma de govêrno. Devemos continuar fiéis a princípios ou à nossa terra? À nossa Pátria? Insistir neste republicano de fachada, verdadeiro cortina de lúpulo, que oculta invades oligarquias e favorece, no sertão, o feudalismo dos celerões "arcanos", é um crime. Minha escolha está feita. Desembarinharem uma espada, e fez-se a República. Ou por outra, impuseram uma república a um povo profundamente católico e sentimentalmente monárquico. — Pois bem! que a mesma espada seja outra vez da bainha, respectivamente, para devolver o Brasil aos seus beneficeiros, à família Real! (Pág. 94-5).

QUANTOS SOMOS?

À sétima pergunta: ADMITE QUE UMA DITADURA PROVISÓRIA OU PERMANENTE (ENQUANTO VIVER O DITADOR) É NECESSÁRIA PARA PUNIR MAUS GOVERNANTES, ALTERANDO A ESTRUTURA POLÍTICA NACIONAL?, 8,70%, responderam sim; 45,31%, não; 21,75%, em branco; 2,17%, em dúvida pela não; e 2,17%, em dúvida pela não.

À oitava pergunta: ESTÁ SATISFEITO COM O MODO COMO TEM SIDO GOVERNADO O BRASIL DESDE QUE V. S. TOMOU CONSCIÊNCIA DA NOSSA REALIDADE POLÍTICA?, 2,17%, responderam sim; 89,13%, responderam não; 6,53%, nada responderam; 2,17%, de respeito duvidosos ou incongruentes.

À nona pergunta: ACHOU MELHOR ALGUMA FASE DE GOVÊRNO: —

1) — Fase Imperial (1822-1889)?

2) — Fase republicana:

Ditatorial (1889-1891);

Oligárquica (1891-1930);

Revolucionária (1930-1934);

Constitucional-liberal (1934-1937);

Estado-novo (1937-1945);

Liberal-democrática (atual).

responderam: Pela fase IMPERIAL, 54,33%;

pela fase Republicana, 19,58%;

em branco, 23,90%.

Da fase republicana: 6,53% — Oligárquica;

4,35% — Constitucional-liberal;

4,35% — Estado-novo;

4,35% — Liberal-democrática.

À décima pergunta: JÁ NOTOU QUE O MAL É DO REGIME?, OU QUE O MAL É DOS HOMENS? Que o mal é do REGIME: 63,04%, responderam sim; 13,21%, responderam não; 19,58%, em branco; 2,17%, em dúvida. Que o mal é dos HOMENS: 47,82%, pelo sim; 26,08%, pelo não; 21,75%, em branco; 4,35%, em dúvida.

5. A aparente incongruência das respostas d'êste item se deve ao facto de muitas respostas terem sido duplas, isto é, acharam os inquiridos que o mal é não só do regime, mas, também, dos homens. Deste modo, a linha que vinha sendo mantida nas respostas aos demais quesitos do inquérito, destoa, na resposta afirmativa de que os homens são os culpados. Os que assim afirmaram, depois de terem afirmado que o mal era do regime quiseram dizer que, se temos um mau regime, isto se deve aos homens que o implantaram e que continuam a mantê-lo, apesar de saberem que êle não presta, pois que trouxe a desgraça à Nação Brasileira e a miséria e o martírio ao seu povo.

À décima-primeira pergunta: SABE QUE INSTITUIÇÕES POLÍTICAS IDÊNTICAS ÀS NOSSAS PRODUZEM OS MESMOS FENÔMENOS EM OUTROS PAÍSES?, 60,86%, responderam que sim; 13,05%, que não; 21,75%, nada responderam; 2,17% responderam em dúvida que sim; 2,17%, em dúvida que não.

À décima-segunda pergunta: JULGA APROVEITAR À NAÇÃO A IMPROVISAÇÃO DE GOVERNOS QUE SE SUCEDEM SEM PERPETUAR O BEM JÁ FEITO OU CONCLUIR O INICIADO? Responderam pelo sim, 2,17%; pelo não, 78,25%; em branco, 19,58%.

À décima-terceira pergunta: ACREDITA QUE O ELEITO OCASIONAL:

1) — PENSA SÔMENTE EM SI MESMO E NOS "SEUS"?

2) — PENSA DEVIDAMENTE NO BEM PÚBLICO?

responderam que pensam sômente em si e nos "seus" pelo sim, 71,73%; pelo não, 6,53%; 13,04%, nada responderam e 8,70% deram resposta duvidosa ou incongruente.

Que pensam no bem público: responderam pelo sim, 13,21%; pelo não, 60,86%; 19,58%, nada responderam e 4,35 responderam pela dúvida ou incongruente.

Nas respostas a êste quesito deu-se fenómeno curioso. Dizemos fenómeno, porque, pensar assim, é realmente hoje em dia, coisa fenomenal. Certas res-

CALENDÁRIO PATRIANOVISTA

20 de Julho — Dia da Fôrça Aérea Imperial (Santos Dumont).

25 de Julho — Dia do Exército Imperial (Duque de Caxias).

7 de Setembro — Dia da Fundação do Império.

13 de Setembro — Dia do Imperador (Dom Pedro III).

O VERDADEIRO SENTIDO DA LUSITANIDADE

Apesar de não ser graxo de "Monarquia" reproduzir artigos e publicações, por estreita carência de espaço, não podemos furtar-nos a transcrever alguns trechos do notável discurso do professor doctor Oliveira Salazar, Presidente do Conselho de Ministros da Nação Portuguesa, publicado na "Voz de Portugal", de 1.7.37, por expressar o mesmo autêntico premisa de nossa Organiza Patrianovista.

Tês Comunidades Que Poderão Influir Decisivamente Nas Derivas Do Mundo Salazar elenca a Comunidade Luso-Brasileira como traço de união entre a Comunidade Hispânica, que se venha a formar.

"Em compensação, lo Exêrcito criou um problema: é que, dada a formação política predominante, tanto de monarquistas como de republicanos, não se encontrariam possibilidades suficientes para se obra a empreender com a colaboração, sem restrições nem reservas e com a maior generosidade, dentro do regime vigente. — Por outro lado, penso que o Govêrno tem feito o possível para que a Família da Bragança — falo do ramo português — desde que admitida no País, fosse colocada no alto nível de dignidade que compete a descendentes directos dos Reis de Portugal. E agiu assim por duas razões: a justiça

... e a este quesito afirmam que ainda pensam no bem público alguns... do atual regime. Santa Inês (continuação)...

A décima-quarta pergunta: **CRÉ NA POSSIBILIDADE DE MUDAR A ATUAL SITUAÇÃO POLÍTICA?**, responderam sim, 67,39%; não, 17,39%; nada responderam, 6,52%; duvidosos e incongruentes, 8,70%.

6. Como complementação à resposta do quesito anterior, perguntava-se: **CRÉ, V. S. TEM UM IDEAL DE MONARQUISTA? QUE ESPÉCIE DE MONARQUIA DESEJA:**

1) — Absolutista? — 2) — Constitucional? — 3) — Bonapartista (legitimista)? — 4) — Parlamentarista (tipo inglês)? — 5) — Integral ORGÂNICA (autoritária)?

REPUBLICANO? QUE ESPÉCIE DE REPÚBLICA DESEJA:
1. — Unitária? — 2. — Federativa? — 3. — Parlamentar? — 4. — Ditatorial? — 5. — Colegiada (tipo suíça)? — 6. — Socialista? — 7. — Comunista? — 8. — Nihilista? — 9. — Aristocrática?

Dizendo-se partidários da **MONARQUIA Constitucional**, responderam, 26,08% da **MONARQUIA Bonapartista** (talvez por desconhecimento o verdadeiro herdeiro da coroa S.A.R.R. o Senhor D. Pedro Henrique de Bragança — D. Pedro III.), responderam, 26,26%; da **MONARQUIA Parlamentarista**, responderam 13,05%;

Dizendo-se partidários da **República Unitária**, responderam 2,17%; — da **República Federativa**, responderam 4,35%; — da **República Parlamentar**, responderam 8,71%; — da **República Colegiada**, responderam 2,17%; — da **República Socialista**, responderam 2,17%.

CONVÉM, NESTE PONTO, REPETIR QUE AS RESPOSTAS VINDAS DE CORRELACIONÁRIOS PATRIANOVISTAS NÃO FORAM COMPUTADAS NOS DADOS ACIMA.

Da que acima foi exposta, verifica-se, em rápida relance, que: 56,52% dos contestantes opinaram como melhor a fase IMPERIAL; APENAS 19,58% opinaram pela fase republicana (Quesito 9).

67,39%, são MONARQUISTAS (Quesito 14/15)
APENAS 19,57%, são Republicanos (Quesito 14/16)

7. Se porventura alguns dos nossos leitores acharem que estes números foram por nós forçados, convidamo-los a que façam, por conta própria, a prova daquilo que os números acima aludidos afirmam. Faça o mesmo inquirido junto às pessoas de suas relações, ou, se acharem mais simples, a qualquer pessoa que encontrem em seu caminho, pertença ela a que classe social pertença, dirijam duas perguntas simples:

Que pensa você da MONARQUIA?

Acha que a MONARQUIA resolveria o problema político brasileiro?

Tomem cuidado — pois vimos fazendo esta experiência há muito tempo — que, NOVE entre DEZ pessoas, acharão que a MONARQUIA é o melhor regime. ALGUNS, homens de pouca fé, acharão, entretanto, que será difícil a sua volta, porque o regime republicano "já está enraizado no costume do povo" (sic).

8. A estes deverão responder com VEIGA DOS SANTOS: "é impossível já está se tornando difícil e logo isto virará fácil."

E um dia a gente acordará sabendo que foi desproclamada a república!
A MONARQUIA virá, creiam-me! E não está muito longe, GRAÇAS A DEUS!

João de OLIVEIRA PINHO

devida aos que foram conduzindo a grei por sete séculos de História, e a PREVISÃO PRUDENTE DE QUE PODE HAVER UM MOMENTO EM QUE A SOLUÇÃO MONÁRQUICA SEJA UMA SOLUÇÃO NACIONAL. Na sequência deste pensamento está porém que, quer se considere a Casa de Bragança apenas depositária de uma herança histórica, quer encarrando a possibilidade de futuros serviços à sua e nossa Pátria, ela se encontre afastada de uma chefia política que em determinado momento, em vez de unir, divida os portugueses. Ora, quando noto certas exteriorizações que podem não ser acidentais e por outro viarem-se recelos que sei serem infundados, o menos que posso dizer é ritarmos fora do quadro em que a questão foi posta e no fundo se ameaça a unidade nacional estabelecida. — É preciso alguma coragem para não perder de vista que esta forma de organização política e de trabalho governativo sem sentidos políticos, juntamente com a Constituição que os não prevê, nos têm quase sózinhos no Mundo. Acrescentarei porém que, se as aparências são estas, as realidades são muito diferentes. — "Quando os partidos viessem a ser considerados engranagem essencial da vida política, nós teríamos, logo desde o primeiro momento, pela imitação do estrangeiro e as tendências desorganizadoras do sistema a situar sobre o nosso modo de ser, cinco ou seis agrupamentos pelo menos, bem fáceis de definir para quem conhece alguma coisa nos homens, das idéias que os animam e das paixões que os dividem. Bem há que há países com mais equílibrio porém chegavam para regressarmos à situação anterior e à impossibilidade de nos governarmos." — "Direi, fundado na experiência, que neste sistema, o Governo não é climático, antes altamente travoso para os que são obrigados a tomar as últimas decisões. Seria muito mais fácil recorrer ao jôgo das deliberações coletivas onde o sentido da responsabilidade, quando existe, são largamente se atenua que facilmente se perde. Isto equivaleria, porém, a substituir ao Governo e Câmara ou os "comitês" constituintes, em condições não desejáveis e com prejuízo coletivo." —

É isso mesmo, Senhor Professor Salazar! Que pena não poderemos fazer o mesmo na Nova Lusitânia! ... É que não temos aqui um Salazar — como disse em Pôrto Alegre o Marechal Mascarenhas de Moraes!

De Portugal nos chega a notícia do nosso confrade Patrianovista Professor Tito Lúvio Ferreira de uma sua conferência proferida na Sociedade de Geografia de Lisboa, baseada no seguinte tema: "O BRASIL NUNCA FOI COLÔNIA."

E não foi mesmo isto já tínhamo dito várias vezes, pregarão repetidamente a um dos nossos capítulos de *Orgânica Patrianovista* — "o evangelho do 'novo credo'" — como é definida.

J. R. M.

A DITADURA FISCAL REPUBLICANA

"Na realidade deixamos uma ditadura política para afundarmos numa ditadura fiscal" — disse ao jornalista um advogado que tem tratado de várias pendências sobre tributação excessivas ou indevidas. "Não sabemos como explicar a simulação, as subtilidades das interpretações de que o fisco se serve para sangrar o contribuinte. Já foi dito e comprovado que o contribuinte brasileiro é um dos mais escorchados do mundo. Os impostos não apenas aumentam. Vão sendo multiplicados. Caso bem expressivo é o que acontece com os contribuintes".
Diário Popular, 11.2.1957.

República é o regime em que o povo trabalha e o governo atrapalha.

ADVERTÊNCIA AOS EGOÍSTAS

O preceito de não nos interessarmos senão por aquilo que nos diz respeito pessoalmente e momentaneamente traria a subversão completa da sociedade.

C. M. de la Coudanina

MONARQUIA E REPÚBLICA

A tradução do livro de Jacques Valour — "Organização monárquica do Estado" (x) — que a Editora Reconquista acaba de lançar em nossas livrarias, traz à tona o problema do regime, ou melhor, da forma de governo. Por mais que alguns o queiram afastar como superado pela época, mais dia menos dia esse problema vai-se pôr diante de nós. As nações têm um limite de resistência, passado o qual se torna necessário apelar para os últimos e extremos recursos de salvação social. Ora estes recursos correspondem sempre às necessidades vitais mais elementares de cada povo. Não sendo encontrados, é porque o organismo nacional chegou a uma completa exaustão, e então não há mais o que fazer.

É o que se passa com a França. A Revolução de 1789 arruinou-a. Após períodos efêmeros de aparente esplendor — as guerras revolucionárias, os dois breves impérios, a lutória restauração, a monarquia de julho, a terceira república em alguns momentos, a vitória de Fero da guerra de 14 — a França veio a cair no estado do colapso em que se acha presentemente. E anão os que ainda não perderam o tato refletem: em 800 anos a França só conheceu um regime: num século e meio ela vê sucederem-se constituições e constituições, dois consulados, dois impérios, três monarquias constitucionais e quatro repúblicas... Sem dúvida nenhuma, a partir de 1789 houve uma completa alteração de perspectiva na vida da França, cuja unidade se rompeu e cuja impressionante marcha histórica perdeu o "filon" dos tempos heróicos, transformando-se no zigzaguear descompassado e sem rumo, característico da embriaguez.

A leitura atenta deste livro fará compreender como a república efetivamente representou para a França, uma esburcada coletiva. Regime anárquico, o ideal para o domínio da alta finança e dos especuladores. O caminho traçado pelo autor entre a França republicana e a França monárquica é impressionante. Faz-me lembrar a síntese de Felix Tavernier, nos seus "Vingtiécles d'histoire de France: do século XIX para cá a França tem andado à procura de um regime, de uma fórmula, de um chefe. Que é hoje a vida nacional? Pergunta Tavernier. E assim responde: "Ela se reduz aos debates das Assembleias. As eleições abrem, no data fixa, os campos de batalha para os políticos. A imprensa, nos intervalos, se entrega à feia de abrasar os ânimos. Os cidadãos devem fornecer as tropas e se enquadra nas formações de combate. Em vagas sucessivas, as tropas sobem ao assalto do poder, corre o dinheiro e, onde a política prevalece, tudo se corrompe".

A primeira parte do livro de Valour é uma demonstração, com dados reais, da verdade destas asserções. E depois de feito o balanço republicano, a segunda parte vem justificar a monarquia. É bem conhecido Jacques Valour como sociólogo experimental, criador do método das "experiências vividas", trabalhando com os operários do sul de França e do norte da Espanha para penetrar na mentalidade dos trabalhadores. O mesmo cuidado com a observação dos fatos nota-se neste ensaio. A questão da forma de governo é para ele uma "experiência vivida". Depois de 800 anos de monarquia, teve a França um século e tanto de repúblicas. O resultado aí está. Basta estabelecer um confronto objetivo, sereno, desapassionado. A conclusão, que não poderá deixar de ser tirada com paixão por um patriota, há de se impor inelutavelmente.

Por fim, Valour nos mostra que a monarquia não é algo de historicamente ultrapassado. No mesmo sentido, aliás, Walter Lippmann, o conhecido publicista americano, em seu último ensaio — "Public Philosophy" — faz-se apologeta do regime monárquico, apontando na elevidade do poder supremo o calcanhar de Aquiles das democracias.

Para povos que tiveram uma longa e feliz tradição monárquica, tudo isto dá o que pensar. O Brasil também, desde que resolveu praticar mais repúblicamente a república, deixando as oligarquias que a falsavam antes de 30, não anda à procura de uma fórmula, de um chefe, de um regime?

A história das repúblicas na América espanhola tem sido um constante balanço entre a demagogia e o caudilhismo. Desta problemática estivemos livres durante os anos do Império, e especialmente do Segundo Reinado, que Euclides da Cunha chamou "uma grande parada". O Brasil, como a França, deixou de seguir a sua marcha histórica, interrompeu a sua grande parada, e alió agora a cambalear como um fôro.

Por tudo isto, a tradução de "Organização monárquica do Estado" de Jacques Valour é bastante oportuna para o nosso meio. E certas páginas deste ensaio parecem ter sido escritas por quem tenha observado o caso brasileiro.

J. P. GALVÃO DE SOUSA (Correio Paulistano, 8.7.1956)

(x) Tradução e anotações de A. Veiga dos Santos.

Já leu "MAURRAS — DEFENSOR DA REALIDADE",
opúsculo patrianovista?

"DESCENTRALIZAÇÃO" REPUBLICANO-FEDERATIVA

Segundo informa o Conselho Técnico de Economia e Finanças, a distribuição das receitas tributárias, em 1956, foi a seguinte: União, 52,5%; Estados, 40%; Municípios, 7,5%. Isto é, a arrecadação federal avançou, proporcionalmente, em detrimento da estadual, que baixou de 1,40%, e principalmente da dos Municípios, reduzida de 2%.

As coisas são piores do que parecem, todavia. Al se fala apenas na arrecadação tributária, de impostos e taxas. A União suga muito mais, porém, através do comércio cambial, das contribuições dos institutos de aposentadorias e pensões, das caixas econômicas, da Petrobrás, etc., etc.. Se se fizessem bem as contas, concluir-se-ia que essa bomba de sucção anemia tanto a economia nacional, que o espantoso é resistir ela ainda a esse constante e tremendo desfaleque.

— São palavras de Rubens do Amaral, A Gazeta S.P., 3-7-57. Quem ler "Organização monárquica do estado" verá que a praga do centralismo ladrão e anti-nacional é a mesma em todas as repúblicas. Se houvesse menos ignorância dessa realidade, calaria a boca muito "doutor" em idioma lunar republicano.

PENA DE MORTE

Os bandidos instituíram a pena de morte e os democráticos, que "de facto" não aceitam a autoridade de Deus na vida política, professam ingenuamente (?) — contraditando toda a teologia moral — que só Deus (e os bandidos certamente) podem aplicar a pena de morte.

Provisoriamente aceitamos o que gratis afirmam, pois não desejariamos tal poder em mãos republicanas...

MATERIALISMO

Se riqueza significasse felicidade, os norte-americanos seriam o povo mais feliz do mundo. No entanto, aumenta nos Estados-Unidos o número de crimes e de distúrbios psicológicos. — Carlos Lacerda.

NÃO SOMOS estados unidos!

O Brasil é um só Estado
Imperial por tradição,
não é estados unidos
e não é federação
— coisa alia que teira mal
e nos causa indigestão.
O Brasil é um só Estado
Imperial por tradição.

Desde que "perdeu" seu nome,
a mudança deu azar,
Cumpre à geração moderna
com tal burrice acabar.
O Brasil é um grande Império
com as Províncias sem par.
Dá que "mudarem" seu nome
tal mudança deu azar.

Como é que tantos políticos
mantêm ansira tão vil
usando tantos "países"
anda existe um só BRASIL?
Istão de um Cabeçuda
causou tal cópia servil,
Covardia de homens "livres"
mantém ansira tão vil.

Restauramos a vergonha
matando a federação.
Restauramos as Províncias
para perfeita união!
Só o Império é bom e é nosso!
Só ele é da tradição!
Restauramos a vergonha
matando a federação.

ZÉ-POVO

HONESTIDADE NA REPÚBLICA...

Viver desconectadamente nesta terra pode ser difícil, mas viver honestamente é impossível. (Exclamação de uma senhora ao fazer compras na feira).

A federação no Brasil é como um sujeito idiota que pizou UM papel em MUITOS pedacinhos e depois os quis juntar com culpa...

CONVERSA DE RUA

— O regimen não tem importância. O que importa são os homens!
— Então, por que uns militares republicanos mudaram violentamente a 1889 uma Monarquia experiente, sábia, com 700 anos de Tradição, nessa república que está aí macaquando dos Estados-Unidos???

Se regimen não tem importância, deixassem a Monarquia que era nesta que nos fizera uma grande Nação livre, feliz, poderosa, rica e respeitada.

LEIA

"Organização Monárquica do Estado"

(sociologia política), de Jacques Valdour,
tradução e anotações de A. Veiga dos Santos

GENTE NOVA

Comunica-nos o casal Baroni-Santos, condes de Midia e marqueses de Simy e São Ignácio, o nascimento de seu filho TARCÍSIO ARMANDO, a 22 de julho do corrente ano.

Aos nobres correligionários e amigos os parabéns de "Monarquia" e votos de felicidades ao promissor herdeiro da Exma. Família.

DESCOBRINDO A PÓLVORA...

Falando a jornal atrás da cortina de ferro, o sr. Juárez Távora declarou que "o governo federativo e sua administração estão bastante afastados do povo e dificilmente podem se inteirar de suas necessidades. Por isso é que indispensável trabalhar pela descentralização e pelo reforçamento da auto-administração no seio das comunidades".

Conversa republicana! Não convém à república a descentralização efectiva. Federação foi bandeira de marginais no Império (Rui Barbosa e outros...) para inter os Estados-Unidos e desgrajar o Brasil e mudar-lhe o nome gloriado. Descentralização mesmo que é bom e Municipalismo de facto e não de profissão, somente aquelles que Pátria-Nova prega desde 1928 no simulo do desment republicano..., pois a república é contra o povo e não pode favorecê-lo.

A AIPB E A GLÓRIA DE PORTUGAL

Seguem abaixo os telegramas trocados entre o patrianovista Cons. Jernyino Ricardo de Mattos e a deputada Conceição da Costa Neves:

— Velho quemista, hoje patrianovista, envio mil parabéns brilhantes do curso vosso/ia sessão 19 de junho. Esperamos breve contar vosso/ia legião imperial. Portugal teve desgraça completa dezesseis anos de república carlinária, sedições, assassinatos; hoje trinta anos de sossego. (a) J.R.M.

— Quero agradecer, com toda a cordialidade, a gentileza de seu telegrama através do qual me cumprimenta pelo discurso que nesta Assembléa tive a satisfação de proferir no dia 19 d'iste.

Sei quanta razão contém as suas expressões de entusiasmo cívico e humano a respeito de Portugal de hoje, esse mesmo Portugal que não me canso de louvar, de aplaudir e de olhar com admiração e carinho.

Muito grata, sou, sinceramente e com os melhores cumprimentos, (a) Mari da Conceição da Costa Neves.

TRECHOS DO POEMA "SATANÁS"

Onde está vossa fé — eu disse — fomentada,
se não tendes acção maior de que os partidos?
Onde está vossa fé?...
Preconceitos guardais em vossos corações,
degrazando o que manda a própria Religião!
Dize-me, homens de luz, a vossa fé qual é:
da missa de defunto e do techeiro à mão?

Viveis vossos debalde em tristes compromissos
e em todo que é dever andais pra sempre oncosos.
Invidiosos! em vão caminhareis dispersos,
se a glória não formais com batalhões diversos,
Seis propõeis de heróis?!
heróis! declamai quando luta o inimigo,
e a Cruz, o próprio Cruz, será vossa castigo!...

A infâmia é cortejada, à virtude se odia.
Dai é que nos vem a enorme decadência,
dai é que se aumenta a estulta incompetência
que pontifica em leis e usurpa a excelência,
enquanto, por sua vez, todo o valor rareia.
Boicetou-se à virtude.
Fazem leis contra o bem.
